



20 anos de presença no Brasil: reflexões de Angela Ales Bello sobre contribuições da fenomenologia clássica à psicologia, psicopatologia e estudo da experiência religiosa

20 years of presence in Brazil: reflections by Angela Ales Bello on the contributions of Classical Phenomenology to Psychology, Psychopathology and the study of religious experience

Angela Ales Bello

Pontificia Università Lateranense di Roma
Itália

Márcio Luiz Fernandes

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Roberta Vasconcelos Leite

Yuri Elias Gaspar

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Brasil

Resumo

Em 2021 a Revista Memorandum alcançou o marco de 20 anos de publicação ininterrupta, difundindo no país pesquisas do campo da fenomenologia, memória, história e religião. No mesmo ano, celebramos também 20 anos do início da parceria da filósofa italiana Angela Ales Bello com pesquisadores brasileiros. Como um brinde à dupla comemoração, discutimos neste texto a originalidade da fenomenologia clássica e suas contribuições para as ciências em geral e, em particular, para a psicologia, psicopatologia e estudo das religiões. Também é realizado um resgate de memórias sobre o início do intercâmbio com pesquisadores brasileiros que contribuiu a um só tempo para o desenvolvimento da psicologia fenomenológica no país e para a consolidação da revista Memorandum como periódico de referência nesta área.

Palavras-chave: fenomenologia; Angela Ales Bello; Edmund Husserl; Edith Stein.

Abstract

In 2021, the journal Memorandum reached the milestone of 20 years of uninterrupted publication, disseminating research in the field of phenomenology, memory, history and religion in the country. In the same year, we also celebrated 20 years since the beginning of the partnership between Italian philosopher Angela Ales Bello and Brazilian researchers. As a toast to the double celebration, in this text we discuss the originality of classical phenomenology and its contributions to the sciences in general and, in particular, to psychology, psychopathology and the study of religions. A rescue of memories about the beginning of the exchange with Brazilian researchers is also carried out, which

contributed at the same time to the development of phenomenological psychology in the country and to the consolidation of Memorandum as a reference journal in this area.

Keywords: phenomenology; Angela Ales Bello; Edmund Husserl; Edith Stein.

Introdução

Em 2021, a Revista Memorandum alcançou o marco de 20 anos de publicação ininterrupta, difundindo no país pesquisas do campo da fenomenologia, memória, história e religião. No mesmo ano, celebramos também 20 anos do início da parceria da filósofa italiana Angela Ales Bello com pesquisadores brasileiros, dando início a uma comunidade humana e intelectual que em muito fortaleceu as investigações qualitativas fenomenológicas realizadas no Brasil e a difusão da obra de Edith Stein no país (Fernandes, 2017; Massimi, 2011; Garcia, Fernandes & Goto, 2011).

O acesso dos brasileiros às suas contribuições seminais no campo da fenomenologia começou com a tradução de alguns de seus livros escritos originalmente em italiano (Ales Bello, 1998, 2000) e logo foi potencializado por sua presença em eventos e cursos no país, o que possibilitou a organização de livros a partir do cuidadoso trabalho de tradução simultânea, gravação, transcrição e textualização de suas intervenções. Dedicaram-se inicialmente a esse trabalho os grupos de pesquisa liderados pelos docentes Irmã Jacinta Turolo Garcia (Universidade do Sagrado Coração - Unisagrado), Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG) e Marina Massimi (Universidade de São Paulo – USP/Ribeirão Preto). A primeira dessas obras foi *Fenomenologia e Ciências Humanas psicologia, história e religião* (Ales Bello, 2004), logo seguida por *Introdução à Fenomenologia* (Ales Bello, 2006b), livro lançado no Brasil e posteriormente traduzido e lançado na Itália (Ales Bello, 2009b).

A parceria com os professores Miguel Mahfoud e Marina Massimi, primeiros editores da revista Memorandum, abriu caminho para que, ao longo de seus 20 anos, 10 artigos da filósofa fossem publicados no periódico, 4 destes em português (Ales Bello, 2002, 2006a, 2014a, 2015a) e os demais em italiano (Ales Bello, 2003, 2005, 2008, 2009a, 2017, 2018a). Também marca este relacionamento a obra *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa* (Mahfoud & Massimi, 2013), em cujo Prefácio escreve Ales Bello (2013):

Está se realizando no Brasil o que não se consegue fazer decolar na Europa, isto é, o sonho dos fenomenólogos de oferecer uma descrição filosófica do ser humano capaz de justificar sua



complexidade e de fazer compreender o sentido de pesquisas especializadas que investiguem os vários aspectos sem perder sua unidade e sem reduzir pessoa a momentos específicos - o corpo ou a psique - que acabariam por ser absolutizados; mas examinar o ser humano na variedade de suas características (p. 12).

Também a partir de 2016 foi inaugurada uma coleção, coordenada pelo prof. Márcio Luiz Fernandes, dedicada aos estudos fenomenológicos e denominada "Mundo da Vida" na qual estão presentes quatro significativas traduções dos textos de Ales Bello dedicados à análise de tudo o que se manifesta e com a finalidade de captar o sentido que se oferece para nós seres humanos (Ales Bello, 2016b; 2018b; 2019a; 2019b).

Como um brinde aos 20 anos do frutuoso intercâmbio que possibilitou a realização deste sonho, convidamos Ales Bello para discutir a originalidade da fenomenologia clássica e suas contribuições para as ciências em geral e, em particular, para a psicologia, psicopatologia e estudo das religiões. O presente texto apresenta essas reflexões, acrescidas de um resgate de memórias sobre o início do intercâmbio com pesquisadores brasileiros que contribuiu a um só tempo para o desenvolvimento da psicológica fenomenológica no país e para a consolidação da revista Memorandum como periódico de referência nesta área.

É um prazer reencontrá-la e para falar desses marcos, eventos fundamentais da sua presença no Brasil há 20 anos e da Revista Memorandum: história e memória em psicologia que também há 20 anos se dedica à divulgação científica no Brasil. Gostaríamos de convidá-la a debater alguns temas que são muito significativos para nós e que dialogam com sua contribuição em nosso país.

Em primeiro lugar, você poderia nos indicar como percebe e avalia a fenomenologia, sua inserção no contexto brasileiro e as contribuições da revista Memorandum nesse processo.

Agradeço o convite. É um prazer recordar todos os nossos encontros ao longo destes anos, os quais tiveram que ser interrompidos pelo advento da pandemia. Espero ainda poder voltar a reencontrá-los, mas por sorte (ou providência) temos esse instrumento de comunicação virtual que permite os encontros à distância, do qual todos podem participar.

Há 20 anos a professora Irmã Jacinta Turolo Garcia (Unisagrado) me conheceu em Roma, pois fez ali seu doutorado (Garcia, 1987), e me convidou para ir ao Brasil. Pensei que era uma ocasião muito importante, mas não podia supor que este seria o início do trabalho que construiríamos juntas. Qual é este trabalho?



Qual é o relacionamento entre a fenomenologia e os outros campos de pesquisa? Este é o ponto fundamental. A fenomenologia se apresenta como uma filosofia. Eu falo da fenomenologia originária, a chamo clássica, aquela de Edmund Husserl (Ales Bello, 2019a). E também considero clássica a de sua herdeira Edith Stein e de alguns outros da escola daquele período, como Conrad Martius (Ales Bello, 2000; 2014b, 2021).

Enquanto sucessivamente a fenomenologia foi desenvolvida de um modo diverso daquele original, o objetivo dessa abordagem, particularmente em Husserl (1913/2002a, 1913/2002b), era elaborar uma pesquisa filosófica que ele considerava nova em relação à história da filosofia, que busca colocar em evidência o sentido das coisas. Não é a primeira vez na história da filosofia que se faz isso, mas Husserl tem essa intenção profunda, a qual nem sempre foi realizada segundo suas indicações por alguns de seus discípulos.

É importante reconhecer que o sentido das coisas é colocado em evidência pela capacidade do ser humano se perguntar sobre as coisas mesmas (Ales Bello, 2019a). Então me parece que é muito importante o relacionamento entre os seres humanos e as coisas. Aqui se ligam esses dois momentos. Qual é a novidade fundamental da fenomenologia? É colocar em evidência a estrutura do ser humano como uma estrutura caracterizada pelas vivências. Essa é a novidade com relação à história da filosofia. Através das vivências nós podemos conhecer a nós mesmos e aquilo que nos circunda. Portanto, duplo conhecimento a partir das vivências. Uso a palavra vivência, do português, até mesmo no italiano, pois traduz melhor o que Husserl pensava.

Sobre as vivências, o interessante é que não se trata exatamente do que sentimos neste momento – o que nos dá prazer ou desprazer – mas, nós podemos avaliar o que estamos vivendo neste momento porque conseguimos, nós mesmos, acolher os elementos essenciais da alegria, da dor, do prazer.... Então temos a capacidade de viver a alegria e também de saber o que é a alegria. E sabemos o que é a alegria mesmo quando não a estamos vivendo, e podemos reconhecê-la na vida de outra pessoa. Esta é a vivência da entropatia – também chamada empatia – que é a capacidade de reconhecer o que o outro está vivendo porque nós dois possuímos uma mesma estrutura. A alegria em seu aspecto fundamental é presente em todos os seres humanos. E há variações em cada experiência concreta de alegria.

Este é um ponto fundamental para o conhecimento de si mesmo (Ales Bello, 2019b) e das coisas (Ales Bello, 2019a), do que está fora. Porque por meio da percepção – que é uma estrutura universal que se atualiza em cada experiência particular – colhemos o sentido do que não sou eu. E quando dizemos “não sou



eu”, dizemos com relação à nossa corporeidade: até o limite de nossa pele reconhecemos – “sou eu” – e além desse limite reconhecemos o que “não sou eu”. E este “não sou eu” naturalmente se alarga ao mundo muito amplo, sensível, intelectual, cultural, de conhecimentos que o ser humano já elaborou.

Com esta bagagem Husserl dizia: podemos compreender não só como é feito o ser humano e como é feito o mundo, mas podemos compreender também o que é a cultura, quais são as formações culturais que o ser humano produziu e quais são os sentidos dessas formações. Aqui temos os sentidos das várias disciplinas que existem contemporaneamente, das pesquisas – ainda que diversas entre si – mas podemos reconduzi-las à estrutura do ser humano e aos interesses dos seres humanos, e compreender as respostas que estas disciplinas dão aos interesses humanos.

E tanto Husserl (1954/2005) quanto Stein (1922/1999) queriam propor, em primeiro lugar, que à psicologia cabia a interpretação do ser humano. Porque a psicologia é a disciplina mais próxima, em certo sentido, à fenomenologia. Porque se ocupa da estrutura do ser humano. Porém, tanto Husserl, quanto Stein, defendiam que a psicologia – que pretendia ser uma disciplina autônoma, à época bem recentemente formada, já que não existia previamente na história da humanidade ocidental – necessitava de uma fundamentação fenomenológica. O que isso quer dizer? A fenomenologia oferece à psicologia a interpretação do ser humano e a psicologia, depois, concretamente, vê em quais casos essa estrutura se realiza, não se realiza, quais são as deficiências, que coisas acontecem... (Ales Bello, 2019b). E assim realiza sua tarefa. Mas o faz a partir de um conhecimento profundo do ser humano e, sobretudo, um conhecimento interior. Podemos dizer que dentre todas as ciências contemporâneas, a psicologia é a ciência mais próxima à fenomenologia. Inclusive, compreendo que Husserl chegou à fenomenologia a partir da psicologia de Brentano, este filósofo que era interessado pela psicologia – não era psicólogo – e que fez uma proposta no âmbito da psicologia. Este é um componente importante da relação entre fenomenologia e psicologia.

Antes de desenvolver o tema mais profundamente, podemos dizer que quando fui ao Brasil pela primeira vez, fiz um pouco esse “discurso” que para mim era fundamental à psicologia. De fato, fui como convidada pela Irmã Jacinta na Faculdade de Filosofia, não de psicologia. Porém, quando fizemos o primeiro congresso, havia muitos psicólogos participando. E os psicólogos compreenderam – até melhor que os filósofos – que este poderia ser um critério muito útil para suas pesquisas. E essa sensibilidade para a apreensão deste relacionamento profundo entre os fundamentos da fenomenologia e a psicologia foi demonstrada



particularmente pelos grupos de pesquisa coordenados pelos professores Miguel Mahfoud (UFMG) e Marina Massimi (USP/Ribeirão Preto) que estiveram presentes no primeiro congresso. Ambos conheciam previamente essa abordagem da imbricação entre fenomenologia e psicologia.

Eles me convidaram várias vezes, fizemos muitos cursos nos quais desenvolvemos esse tema, alguns dos quais mais tarde foram publicados como livros (Ales Bello, 2004, 2006b, 2015b). Eles também estavam envolvidos na produção da revista *Memorandum*, inovadora à época por ser totalmente virtual, uma das primeiras neste formato. Agora estamos habituados ao formato online – talvez vocês no Brasil estão habituados há mais tempo, porque as distâncias são enormes e me recordo que já há alguns anos quando eu proferia palestras em uma universidade já existia a transmissão simultânea via YouTube ou outros meios. Para vocês não é algo que aconteceu somente agora, neste momento de pandemia. Os contatos online já eram mais frequentes e também as revistas online. Na Europa este processo foi mais lento, particularmente na Itália. Já no Brasil, ainda no início dos anos 2000, Miguel e Marina decidiram organizar uma revista exclusivamente online, voltada para a área da psicologia e vinculada aos programas de pós-graduação em psicologia da UFMG e USP Ribeirão Preto. E com o formato online os dois podiam facilmente trabalhar juntos, cada um em um Estado diferente.

A revista *Memorandum*, que é mais ampla, carrega essa marca do relacionamento entre psicologia e fenomenologia. Eu mesma escrevi, com base na minha experiência em Brasil, o livro *Il senso dell'umano: rapporto tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia* (Ales Bello, 2016a), já traduzido e publicado no Brasil (Ales Bello, 2019b). Este livro nasceu das experiências que vivi no Brasil, tanto que o dediquei aos brasileiros. Indo ao país tantas vezes pude aprofundar muitos temas. Em primeiro lugar, debatendo o relacionamento que Husserl possuía com a psicologia e o relacionamento de Edith Stein com a psicologia (Ales Bello, 2014b, 2021). Relacionamentos que não podem ser compreendidos sem a referência à estrutura universal do ser humano, descrita pelos fenomenólogos.

O que caracteriza essa estrutura universal do ser humano?

A estrutura do ser humano, na fenomenologia, é compreendida como uma estrutura complexa, fundamentada nas vivências. E é por meio das vivências que podemos compreender a estratificação do ser humano em corpo, psique e espírito. O termo psique, em Husserl, vem propriamente da psicologia e não da filosofia,



porque sabemos que o termo psique em filosofia significa alma. Husserl, ao invés, se apropria do termo no sentido da dimensão instintiva, emotiva, que interessava aos psicólogos. O termo espírito, por sua vez, para Husserl, é ligado à atividade intelectual e voluntária. Portanto seria a alma no sentido mais amplo do termo. Husserl (1913/2002a, 1913/2002b) e Stein (1932-33/2000) "dividem" a alma em duas partes, uma de caráter mais instintivo e emotivo e a outra de tipo intelectual e volitivo. Uma sujeita aos instintos e paixões e fonte desta "bagagem" e a outra ligada ao que chamamos de liberdade do ser humano, essa capacidade de determinar-se, escolher em sentido positivo ou, em sentido negativo, de não escolher e se submeter.

Atenção, os atos psíquicos e os atos espirituais não podem ser reduzidos a atividades cerebrais, são mais que isso. O cérebro é instrumento. Estamos utilizando o computador como instrumento para dizer o que pensamos, mas não somos o computador, ele é o instrumento. Não podemos dizer que nossas palavras nascem do computador, não. Nascem de uma outra coisa que utiliza o computador. É assim com o cérebro. Outro exemplo vem dos instrumentos musicais: o instrumento não gera a música, a música acontece enquanto alguém os toca. O instrumento a exprime. Não, o cérebro é um instrumento, muito importante, de fato. Imaginem um computador que estraga, é claro que não podemos mais falar uns com os outros de forma virtual. Se por exemplo, eu fecho o microfone numa videochamada, os demais não me escutam, ainda que eu continue falando. É como compreendo o cérebro: não é que não exista ou não seja importante, mas não é o microfone que me faz falar. Eu falo e o microfone permite que vocês escutem. Essa compreensão contraria muitas correntes materialistas contemporâneas, especialmente no campo das neurociências, para as quais a subjetividade é apenas epifenômeno da atividade cerebral. Nós possuímos corpo (e o cérebro é parte do corpo), psique e espírito. São três instâncias diversas unidas intimamente, certamente.

E quais são as contribuições dessa compreensão estratificada do ser humano para a psicologia?

Este terreno foi oferecido aos psicólogos. E Husserl (1954/2005) claramente disse que o psicólogo deve realizar sua tarefa. Muitos dizem: a fenomenologia é uma psicologia. Vamos nos deter nesse ponto. Husserl diz: o psicólogo é autônomo, eu lhe ofereço apenas um terreno de interpretação, mas ele deve caminhar por sua conta, desenvolver com seu campo próprio relativo às características da estrutura psíquica, sem perder de vista, porém, a dimensão espiritual. E isto os



psicólogos nem sempre fazem, muitos se detêm na dimensão psíquica. Jung, por exemplo, chegou a psicologizar aspectos espirituais, reunindo na psique todos os elementos da dimensão que Husserl denominou de espiritual, sem distingui-los.

Ao invés, é oportuno que também os psicólogos se deem conta desta distinção. Assim é possível existir uma psicologia geral que, sobre a base da interpretação fenomenológica, se interessa por aquilo que acontece nas contingências humanas, nos processos que o ser humano vive na sua dimensão psíquica e espiritual. Ou a psicologia se interessa, em outros casos, pela dimensão patológica. Na Europa prevalece uma distinção clara entre a psicologia e a psicopatologia, ainda que exista a psicologia dinâmica que se interessa também pela dimensão patológica.

Husserl (1954/2005) em sua última obra, *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, afirma que a fenomenologia transcendental poderia ser chamada de psicologia transcendental. Com essa afirmação muitos concluíram que então fenomenologia e psicologia seriam idênticas. Na verdade, Husserl queria dizer que: se fosse psicólogo, ele seria também fenomenólogo. É isso que ele queria dizer, não queria identificar os dois tipos de pesquisa. Queria dizer que quem trabalha no âmbito da psicologia deveria ser também fenomenólogo.

Como a fenomenologia adentra o campo da psicopatologia?

Não existem apenas Husserl e Stein como fenomenólogos. No âmbito da psicologia e da psicopatologia os autores mais importantes são alemães e, depois a proposta se difundiu em toda a Europa. No âmbito da psicopatologia, o nome mais importante, como sabemos, é Ludwig Binswanger. Ele era um médico psiquiatra filósofo que se tornou psicopatólogo fenomenológico. Os psicopatologistas fenomenólogos possuem um grande mérito, até com relação aos filósofos. Pois estes últimos fazem apenas o trabalho como filósofos, enquanto os primeiros devem ser filósofos e, ao mesmo tempo, estudar as doenças mentais.

Husserl (1954/2005) afirmava que os seres humanos são ligados por um estilo de experiência comum. O que isso quer dizer? Quer dizer que neste momento nos compreendemos porque possuímos essa experiência comum. Por que a fenomenologia é útil à psicopatologia? Porque a fenomenologia indica o estilo da experiência comum e o psicopatologista se encontra diante de estilos de experiência diversos. E se pergunta sobre como compreendê-los. Ele pode compreendê-los porque sabe o que é o comum e sabe também porque existe a alteração em relação ao mundo intersubjetivo comum. De fato, a escola de



psicopatologia fenomenológica é para mim uma das mais completas no âmbito das pesquisas.

Compreendemos que a fenomenologia é importante, seja para a psicologia geral, seja para a psicopatologia, seja para a psicologia dinâmica, por que se fundamenta nessa antropologia a respeito da qual se pode dizer se estamos sob uma mesma experiência comum ou não. Qual é a alteração? De tipo temporal, espacial, afetiva? Por exemplo, as formações persecutórias impedem uma intersubjetividade válida, porque se alguém diz que o outro está se preparando para matá-lo, na verdade não compreende de fato o que o outro está fazendo e sim projeta no outro seu medo de ser morto. Normalmente as pessoas não pensam assim, pois a formação persecutória grave é aquela em que a pessoa teme ser morta por qualquer um a todo momento, não consegue confiar em ninguém. Nós podemos ter medo de sermos mortos, é certo, mas sabemos que os outros não querem nos matar, somos capazes de confiar nos outros. Este é o estilo da experiência comum, se não, não poderíamos viver. De fato, quem vivencia formações persecutórias graves sofrem imensamente, têm medo de tudo. Nós somos capazes de compreender que essa formação não é normal, não coaduna com a intersubjetividade.

Isto é importante: os distúrbios psicopatológicos dizem respeito sobretudo à esfera da entropatia. Não compreendo aquilo que o outro quer para mim. O narcisismo é uma forma psicopatológica como a formação persecutória, porque a tessitura da intersubjetividade implica levar em conta o que diz o outro.

Inclusive, há alguns anos constituímos um grupo de fenomenólogos e psicopatologistas de abordagem fenomenológica e alguns junguianos e freudianos. Possuímos um "laboratório", realizamos aulas e encontros – atualmente online – justamente para estabelecer relacionamentos entre a filosofia, a psicopatologia fenomenológica, a psicanálise junguiana e freudiana. E eles, que participam deste grupo, em geral médicos psiquiatras, compreendem que precisam de uma formação filosófica. Nestas aulas que fazemos online há a presença de pessoas do Brasil, da Argentina, da Coréia, de diferentes partes do mundo.

Outro campo fértil de estudos da Fenomenologia é sobre a experiência religiosa. Como você percebe essa intercessão?

O ser humano possui uma multiplicidade de vivências. E, sobretudo, vivências de caráter espiritual – intelectual e voluntário – são vivências em certo sentido livres. Mas, sabemos também que no nível espiritual o ser humano manifesta uma exigência de superar a si mesmo, indo em direção ao outro – a primeira



transcendência – e de uma superação de tudo por meio de uma transcendência da transcendência, que é Deus. Essa é a dimensão religiosa.

A fenomenologia trabalha muito para permitir-nos compreender o que é a experiência religiosa. Esse é um ponto importante: não apenas experiências de ordem psíquica, mas a experiência religiosa. Como interpretar a experiência religiosa do ponto de vista fenomenológico? Aqui nos ajudam Husserl e Stein. Ambos, especialmente Stein (1932-33/2000), ao se debruçarem sobre a estrutura complexa do ser humano, se interessam muito sobre a identidade da singularidade (Ales Bello, 2021). Nós possuímos uma estrutura comum, mas somos também diferentes e, portanto, possuímos uma identidade pessoal singular. Somos contemporaneamente nós mesmos semelhantes aos outros.

Nossa identidade deriva do fato de que possuímos um princípio identitário interior. Tanto Husserl (1913/2002a) quanto Stein (1932-33/2000) o chamam de núcleo. Este princípio em Husserl é visto, sobretudo, do ponto de vista moral. Para ele há essa identidade profunda que nos orienta moralmente, nos dá a guia moral. Stein aborda o núcleo como princípio identitário metafísico, podemos dizer assim (Ales Bello, 2021). Esse termo também poderia ser utilizado para definir a posição de Husserl sobre o núcleo. Mas Stein (1934-36/1996) é mais explícita: um princípio identitário metafísico. Nesse princípio identitário, tanto Husserl quanto Stein, percebem a presença da transcendência da transcendência, isto é, de Deus. Nós não poderíamos falar de Deus se não soubéssemos o que é Deus. Isto é, a ideia de Deus não vem de fora, mas sim de dentro. Também porque nós temos experiência apenas de coisas finitas, limitadas e, portanto, a ideia de infinito não pode vir de fora, mas sim de dentro. Pois ela é inscrita no núcleo, inscrita na nossa interioridade – também Husserl (2002b) afirma com essas palavras.

A ideia de Deus é presente em nós. Mas como se manifesta? Este é o ponto, a manifestação da presença. Porque a presença é sentida por nós, afirma Stein (1934-36/1996). Sentir neste caso significa saber que existe, não se trata de um pensamento. É claro que esse “saber que existe”, como o ser humano é uma estrutura complexa, se exprime a nível físico, psíquico e espiritual. A experiência religiosa nasce de um elemento mais profundo, mas passa pela corporeidade – tanto é verdade que nós, diante da transcendência, o que fazemos? Gestos, movimentos. Esses são termos técnicos da liturgia: todos os povos dançavam – ainda dançam – para exprimir sua religiosidade, o que significa que usam o corpo. Nós empunhamos as mãos, andamos em fila, vamos à igreja, são todos movimentos corpóreos. Segundo: a psique, que é muito importante na vivência religiosa. A psique indica: me agrada ou não me agrada, gosto ou não gosto. E aqui temos a fonte da aceitação ou negação desta vivência. Se não, não seria



possível compreender o ateísmo, que é a negação da experiência religiosa. Se escolhemos a via positiva psiquicamente (isto é, a adesão), no nível intelectual existe a aceitação intelectual. Porque a experiência religiosa é vivida a nível intelectual, logicamente. Então, livremente dizemos: existe.

Podemos dizer que o espírito tem dois significados – isto não dizem os fenomenólogos clássicos, mas acrescento porque me parece importante. Existe uma via que parte do núcleo que sente o divino, o sagrado (Ales Bello, 2018b). Passa pela psique e é elaborada pelo espírito: intelecto e vontade. Essa via espiritual é a via da religião. Portanto se pode falar da espiritualidade, do espírito na vertente religiosa. É a experiência religiosa que parte da presença de Deus. Já a via do espírito, da atividade espiritual comum, é uma via que não parte diretamente do núcleo. No relacionamento com outras coisas, o processo parte do contato corpóreo, do dinamismo psíquico e depois da ação intelectual, uma atividade espiritual. Por isso o espírito, para mim, possui essas duas faces: uma religiosa e uma cultural. A face religiosa parte do núcleo, da presença do divino em nós. Por isso a religião tem sua característica específica, não é uma experiência puramente psíquica, nem intelectual, mas parte do sentir profundo.

No curso da história das religiões no mundo, em todas as culturas, existem formas de experiências religiosas ligadas à complexa estrutura do ser humano. Husserl (2022b) define o relacionamento corpo-psique como material, uma base hilética da atitude espiritual. Podemos então dizer que em algumas religiões o aspecto mais estritamente hilético – isto é psíquico-corpóreo – é o mais forte para exprimir o sagrado. Vemos isto nas religiões tradicionais, antigas, mas também nas religiões cristãs, através dos sacramentos que envolvem a psique e o corpo. E os próprios sacramentos envolvem elementos materiais, sensíveis: a água, a hóstia, o óleo. Isto se encontra em muitas religiões tradicionais. Há religiões com menos ligação à dimensão hilética e são mais intelectuais. No caso das religiões cristãs e hebraico-cristãs, ou outras que vêm do cristianismo – há tanto o elemento hilético quanto o espiritual.

E como a filosofia se relaciona com a religião e com as ciências de forma geral?

Todas as religiões possuem a dimensão espiritual, ainda que não façam essas teorizações próprias da filosofia para compreender as religiões. Nem sempre há uma autoanálise das religiões. Essa autoanálise – filosófica e religiosa conjuntamente – é forte nas religiões orientais como o Hinduísmo, e o Confucionismo. Nessas culturas é difícil distinguir filosofia e religião, para eles esses dois elementos são estritamente conectados. Também no Islã, em alguns



casos, acontece assim. Claramente há alguns muçulmanos que fazem apenas filosofia, mas é o Ocidente que ensina essa separação. Para nós a filosofia não é religião, é uma reflexão que o ser humano faz sobretudo, inclusive sobre a religião.

Depois, é verdade que a religião necessite de uma filosofia para compreender a si mesma, tanto é que existe a teologia como doutrina sacra. A teologia como doutrina sacra é justamente a elaboração filosófica da experiência religiosa e da revelação.

O que significa revelação? Que o ser humano tende em direção a Deus, busca compreendê-Lo, se dá conta de que não consegue compreendê-Lo totalmente e deseja que Deus lhe diga algo mais. De fato, a exigência da revelação é encontrada em muitas religiões. Foram os deuses que me disseram isso, foi Deus que me disse isso. Em particular, na tradição judaico-cristã temos essa forte presença de revelações. Chegamos mesmo a dizer que Jesus é o elemento de revelação, encarnação como revelação.

Mas para dizer tudo isso necessitamos de categorias filosóficas para compreender. E essa é a ligação que se estabelece entre filosofia e religião, como também existe a ligação entre psicologia e filosofia. Todas as disciplinas necessitam, no fundo, de uma reflexão filosófica. Claro, pode-se ser religioso sem conhecer a filosofia. Estamos discutindo a questão em termos culturais, muitas pessoas são religiosas sem saber o que é a filosofia. Como muitas pessoas têm distúrbios psíquicos sem saber qual seja o sentido desses distúrbios. Não é que saibam e precisem da filosofia para compreender seu distúrbio. Certamente não sabem. Quando afirmamos que a filosofia serve à psicologia e à religião, afirmamos num nível reflexivo e cultural. Estamos dizendo que para compreender melhor temos necessidade de.

E a filosofia serve até mesmo para compreender as ciências físicas e biológicas. Por quê? Porque em última instância precisamos compreender o que é a natureza e para isso precisamos de uma reflexão filosófica. Este é um problema já que os cientistas tendem a dizer que não necessitam da filosofia, fazem apenas experimentos. Mas o problema é: o que é o experimento? Até que ponto ele vale? Sobretudo no Brasil existe esse grande dilema entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa. É mais consensual que a pesquisa qualitativa necessita da filosofia, já que necessita dizer o que é a coisa, qual é a sua qualidade. E essa clareza se encontra particularmente em ciências como a psicologia, a sociologia, mas também nas ciências físicas e matemáticas é possível realizar pesquisas qualitativas. Como exemplo, cito o trabalho da Profa. Virginia Bicudo.

Husserl (1954/2005) afirmava: para compreender a interpretação da natureza precisamos analisar quem são os seres humanos que fazem essa



interpretação e como buscam compreender esses fenômenos. A natureza cria obstáculos à compreensão do ser humano, não é fácil compreendê-la. Tanto é verdade que utilizamos esquemas matemáticos para nos orientarmos. Mas não é dito que assim se compreenda verdadeiramente a natureza. Este é o tema de Husserl (1954/2005) na *Crise das ciências europeias*. Isto é, não é dito que o esquema matemático nos permita compreender verdadeiramente o que é a natureza. Também Conrad Martius defendia: devemos ser mais filósofos, Aristóteles tinha razão. Existem causas na natureza que não são causas matemáticas, que são causas do desenvolvimento, dos processos de transformação. Ela usa os termos gregos como energia, intelecto, potência, ato, que são conceitos filosóficos para compreender a natureza. Por isso os fenomenólogos se ocupam de elaborar uma filosofia da natureza que deveria ser a base das ciências da natureza. Assim vemos que também neste âmbito existe essa contribuição muito importante.

Gostaria de recordar o livro Culturas e Religiões que você apresentava no Brasil quando de sua primeira vinda ao país, em 2001 – que coincide com o lançamento da revista – o qual suscitou tanta reflexão nos grupos de Belo Horizonte e Ribeirão Preto. Esse livro fundamentou tantas pesquisas que futuramente vieram a ser publicadas na Memorandum, pois toca nas intercessões entre cultura e religião, memória e história, e ajuda, por exemplo, a compreender o dinamismo das comunidades tradicionais brasileiras.

Sobretudo o Prof. Miguel Mahfoud (2003, 2014) realizava pesquisas com comunidades tradicionais, ligadas ou não à tradição cristã. É muito interessante porque no estudo dessas comunidades a análise da dimensão hilética pode ser muito útil (Mahfoud & Massimi, 2009; Salum & Mahfoud, 2008). A dimensão hilética nos permite compreender como o ser humano necessita de instrumentos físicos, concretos, para exprimir sua exigência do divino. A isto chamamos de sagrado, em certos casos, quando não há uma divindade configurada. Este é um tema muito importante para compreender, por exemplo, religiões tradicionais de populações indígenas brasileiras, as quais possuem um grande sentido de sagrado, que é sempre um elemento de transcendência.

Sobre o livro *Culturas e religiões* (Ales Bello, 1998) há ainda outra coisa: todas as religiões são a base das culturas. De fato, quando vemos uma cultura que parece não ser religiosa dizemos que se trata de uma cultura atea. Mas essa afirmação indica que se trata de uma cultura contrária à religião, o que significa que de algum modo a religião entra em sua definição. Um dos problemas do



Ocidente nesta época é o processo de dessacralização (Ales Bello, 2018b). O fato de que alguns grupos afirmam que Deus não existe e combatem em nome dessa afirmação, enquanto outros dizem que não se interessam. A indiferença, já dizia Stein (1934-36/1996), é pior. Porque não quero ver o problema, digo que não existe, mas sequer me empenho em contemplar a questão. Isto significa não levar em conta o movimento de transcendência que o ser humano sente em sua interioridade e que se manifesta inclusive de formas desviantes, quando se absolutizam outros aspectos, como o sucesso, os relacionamentos, a saúde, etc. Porque o ser humano necessita do absoluto e então se aproxima de outros aspectos e se relaciona com eles como se fossem absolutos.

E como você elabora a questão do diálogo inter-religioso na contemporaneidade?

João Paulo II (1994), em um livro que se chama *Cruzando o Limiar da Esperança*, que reúne uma série de entrevistas concedidas a um jornalista italiano, afirma: Deus criou a todos e, portanto, desejou a existência de muitas religiões. Elas existem porque ele desejou e devemos respeitá-las. A respeito dessa diversidade de experiências religiosas, é possível afirmar que todas se constituem por um sentido de transcendência. Este é o elemento importante. E nenhuma delas é falsa, afirma sempre coisas que são verdadeiras. De fato, há uma tradição dentro da doutrina católica segundo a qual um padre chamado Justino afirmava que até mesmo nas religiões politeístas existia sementes de Deus, sementes de verdade. Quando existe abertura à transcendência existem sempre sementes de verdade. É importante compreender como se articulam essas sementes de verdade: em alguns casos é claro que, se nós encontramos sacrifícios humanos, morte aos inimigos, não podemos aceitar isso, mas devemos buscar compreender porque o fazem.

E também as religiões necessitam de um processo de purificação. Além disso, em geral, nas religiões há a figura de um fundador, por exemplo, Maomé no Islã. E a partir dela se formam os grupos. É muito difícil que venham a existir uma religião universal, que seja igual para todos, porém, existe um denominador comum de todas as religiões: a experiência do sagrado que nasce interiormente e se manifesta exteriormente de diferentes formas. E João Paulo II afirmava: se Deus criou todos os seres humanos, desejou também a pluralidade de experiências religiosas e, portanto, não devemos combatê-las e sim promover diálogos inter-religiosos.



Em *Culturas e religiões* falo também do diálogo inter-religioso (Ales Bello, 1998). O livro tematiza a questão nos anos 1990 quando ainda o diálogo não era difuso, diferentemente do que ocorre hoje, felizmente. É importante reconhecer que o diálogo inter-religioso foi proposto pelos cristãos, particularmente pelos católicos, na esteira da seguinte compreensão: Deus cria todos e, portanto, deseja todas as religiões. Além disso, há a compreensão de que Cristo veio para salvar a todos e pode salvá-los enquanto vivenciam suas religiões, não devemos crer que os salva somente se forem cristãos. Não sabemos, Deus faz o que quer. Podemos dizer mesmo que Deus, na sua misericórdia, pode salvar a todos, até mesmo os pecadores ou aqueles que professam outras religiões. Não sabemos, não podemos estabelecer a salvação com nossos critérios. Ao invés, devemos falar de uma misericórdia de Deus que provavelmente salva todos. Este deveria ser o posicionamento do cristianismo no encontro com outras religiões, que é um posicionamento não apenas de tolerância, mas de amizade, de acolhida, para estabelecer pontos em comum. O diálogo inter-religioso permite estabelecer pontos em comum.

João Paulo II, seguindo o que Paulo VI havia iniciado, dedicou-se muito ao trabalho de promover encontros inter-religiosos. Teve seu trabalho continuado pelos Papas Bento e Francisco, seja internamente no cristianismo (encontros entre católicos, protestantes e ortodoxos), seja com outras religiões. Na estrutura católica há uma congregação particularmente interessada no diálogo inter-religioso. Sabemos que o último Papa vem falando com os muçulmanos, encontra-se sempre com os expoentes de todas as religiões como havia feito João Paulo II. Efetivamente este é um ponto importante.

Um novo campo de trabalho que você tem se dedicado atualmente se refere à questão do inconsciente. Você poderia comentar brevemente sobre essa questão?

Atualmente, temos estudado a fundo a psique para chegar à dimensão inconsciente. Traduzimos recentemente uma parte da obra de Husserl (2022a) em que ele fala da consciência e do inconsciente. Ele conhecia Freud, ambos foram alunos de Brentano. Freud era mais velho que Husserl, porém este conhecia naturalmente os círculos psicanalíticos. Mas Husserl desenvolvia uma argumentação mais ampla sobre o inconsciente, pois afirma: se partimos da consciência nos damos conta de que existem momentos da nossa vida em que não estamos cômicos. Lembrando que, para os fenomenólogos, consciência significa: somos/estamos cômicos de algo. Sou cômico de recordar. A lembrança é acompanhada da consciência de recordar. Significa que, ao dizer: "me recordo de



que aconteceu isso”, estou cômico. Portanto a consciência é o estar cômico que acompanha a nossa vivência, que nos acompanha sempre.

Há momentos em que este estar cômico não acontece. Quando? Husserl (2022a) começa assim: quando dormimos. Há consciência? Podemos estar cômicos do sonho, mas o sonho não é a vigília. Enquanto dormimos não estamos cômicos do que acontece fora de nós. Ou dormimos ou temos consciência do que acontece fora de nós. Logo, no momento do sono a consciência não funciona como acontece quando estamos despertos. Esta é uma forma de inconsciência. Em nossa vida temos experiências alternadas de sono e vigília.

Além disso, possuímos consciência do que acontece antes do nascimento? Não sabemos. Também não estamos cômicos sobre o que acontecerá depois da morte. Portanto, existem muitas situações que Husserl (2022a) denomina como limites que nos circundam. São os casos em que não possuímos consciência. E isto se torna um problema, pois, se perguntamos: o que acontece durante o sono? Então temos o problema do sonho, no qual somos ativos de um outro modo. Portanto, podemos estudar o sonho.

Existem análises de Husserl (2022a) sobre o sonho. No confronto do nascimento e da morte, não sabemos o que acontece antes, nem sequer se existíamos antes. Husserl afirma que existíamos antes e existiremos depois. Por quê? Porque a nossa consciência pode ter pausas, como no sono, mas não pode ser menos do que é. Logo, existiu sempre e seguirá existindo. No coma, em outros casos em que parece não existir consciência, que tipo de consciência existe? Este é um grande problema, especialmente para a bioética. Muitos defendem que se não há consciência, é possível “matar”, pode-se retirar os equipamentos que sustentam a vida sem problemas. Depois Husserl dá uma interpretação religiosa da imortalidade: se somos criados por Deus, é claro que já existíamos e continuaremos a existir depois. Portanto, continuaremos a viver na vida futura. De que modo? Bom, estou escrevendo um livro sobre o tema.

Existe também o inconsciente no sentido de Freud. Isto é, a psique possui uma parte “submersa” da qual não somos cômicos, uma dimensão psíquica que possui um próprio impulso finalístico. Não é caótica, há uma estrutura, mas não sabemos a fundo como se constitui essa estrutura. Não sabemos as estruturas profundas da psique. Husserl (2022a) então afirma que Freud tem em parte razão, porém não tem razão quando afirma que essa estrutura profunda comanda. Husserl afirma: não comanda, a menos que nós a deixemos comandar. Mas temos a possibilidade de comandá-la, desde que estejamos no estilo da experiência comum, não no caso da psicopatologia. Freud falava do inconsciente em sentido patológico, mas ele não dizia que apenas o inconsciente patológico operava assim,



mas dizia todos os seres humanos eram comandados pelo inconsciente. Husserl dizia que não, não somos sempre comandados, em alguns casos acontece. Mas não somos sempre comandados por impulsos que não conhecemos e dos quais não somos cômicos. O interesse do ser humano é sempre tornar-se cômico dessas situações das quais não possui consciência.

Por fim, gostaríamos de perguntar o que te sugere o título da revista Memorandum: memória e história em psicologia?

O termo *Memorandum* remete a uma vivência importante que é recordar. Através do recordar o ser humano pode também compreender e constituir a si mesmo. As pessoas que recordam alimentam a história. E se nós perdemos a memória, a recordação do que já fizemos, nós não podemos seguir em frente. Esta é uma vivência muito importante que caracteriza o que chamamos memória.

A memória, segundo Husserl (1928/1994), é um ato psíquico. Isto é muito interessante. Não é uma vivência de nível intelectual e sim pré-intelectual. Porque recordar é possível inclusive para os animais. Os animais, especialmente os superiores, sobrevivem porque recordam. Onde está a água, onde ir buscar a comida. Portanto a recordação é uma vivência psíquica que posteriormente é elaborada intelectualmente. Algumas vezes nos lembramos, em outras vezes não lembramos.

É verdade que existe um princípio identitário que vale sempre, mesmo nas pessoas que por alguma morbidade não possuem capacidade de recordar. São pessoas porque nunca se perde o princípio identitário, mas sem memória não compartilham o estilo da experiência comum, pois este implica a memória. Isso pode acontecer com pessoas muitas idosas, por exemplo, que não recordam mais e imediatamente identificamos: há algum problema. Porque não podendo recordar, não podem nem sequer escrever, pois para isso precisamos recordar a palavra precedente. Estas são formas patológicas da memória, que podem acontecer pela senilidade ou por traumas ou outras patologias. Nestes casos há um comprometimento de centros cerebrais que não conseguem mais funcionar da mesma forma.

Portanto nem sempre é possível recordar e nem sempre queremos recordar. Atenção: o querer recordar é já um ato intelectual. Por exemplo: quero recordar os acontecimentos da minha vida e por isso os escrevo. Quero recordar os acontecimentos do passado de outros seres humanos e me dedico à pesquisa. Quando estou diante de um livro antigo, posso recordar que este autor escreveu esta obra, posso recordar antes mesmo de ver o livro. Depois pego o livro e me



recordo de outro livro. Quando reúno livros antigos, aí existe memória. Também Husserl não existe mais fisicamente, mas ao abordamos seu pensamento, fazemos memória.

Sobre o querer recordar se funda a história. Portanto, a memória funda a história. Isto é Memorandum: sobre a memória se baseia a história.

É importante que os seres humanos conheçam a história, o passado por muitas razões. Uma razão é de tipo moral: se conheço a história passada e compreendo como foram cometidos enganos, posso não repeti-los. Como na fórmula em latim: *historia magistral vitae*, história: mestra da vida. Este é um dos aspectos. Outro é a possibilidade de compreender o presente sobre a base de acontecimentos anteriores, o que nos permite entender diferenças entre os povos, características próprias. Existem características que influem na pessoa, ainda que ela as elabore de um modo próprio, livre.

A memória e a história são importantes porque ajudam a compreender o presente. Muitas vezes em minhas aulas faço lições de história. Por quê? Para retomar as raízes culturais, de onde viemos. Compreendemos melhor quem somos quando compreendemos de onde viemos, nossos costumes, tradições. Ao visitar o Brasil, tantas vezes me dei conta – não só no Brasil, mas em outros países da América – de que lhes falta a consolidação de uma cultura histórica. E se falta uma cultura histórica não é possível compreender o que aconteceu nem entender o que é o presente. É muito importante uma ampla cultura histórica.

Outro aspecto é que cada disciplina possui a sua história. A professora Marina Massimi (2004, 2016, 2020) estuda a história da psicologia e dos saberes psicológicos. Pode-se estudar também a história da filosofia, naturalmente. A história da literatura, das ciências da natureza, etc. A abordagem histórica nos dá a possibilidade de nos orientarmos no presente. Muitas vezes surgem teorias filosóficas que se dizem inovadoras porque seus proponentes não sabem o que aconteceu antes. Nós dizemos: mas isso já foi dito tantas vezes! E para eles parece que é algo novo, mas não é verdade. Nós o sabemos porque conhecemos a fundo a história da filosofia. De fato, alguns pensadores contemporâneos repetem o que já foi dito tantas vezes na história da filosofia, que já foi discutido tantas vezes. Mas eles pensam que é uma novidade. Porque falta uma formação histórica.

Por exemplo, sem a história da psicologia não se pode sequer fazer psicologia, em certo sentido. Inclusive, para compreender a psicologia no tempo de Husserl, devemos investigar a história da psicologia. Naquele tempo existia a psicologia de tipo naturalístico preconizada por Wundt, bem como a psicologia de Brentano, de tipo qualitativo. Se não sabemos isso, não compreendemos.



As disciplinas nascem de alguns mestres que afirmam certas coisas e seus discípulos aceitam, eventualmente dizem algo mais, ou rejeitam aquela impostação. É importante dizer que Husserl – que não teve formação como filósofo e sim como matemático – assumiu uma posição particular na história da filosofia, pois chegou ao campo sem ser filósofo. Porém, teve um grande mestre filósofo, Brentano, que lhe forneceu também um ensinamento psicológico. Portanto não é que Husserl não possuía nenhuma formação, mas tinha menos fundamento de história da filosofia. Talvez isso tenha sido uma vantagem pois ele conseguiu distinguir certos aspectos que outros não haviam distinguido. Isto é interessante na história de Husserl e similar à história de Descartes, que também era matemático de formação.

Portanto é necessário o conhecimento histórico, bem como o aspecto teórico e o prático (*práxis*). Precisamos da história, e podemos realizá-la graças a essa estrutura interior que possuímos. Se não existisse a memória não poderíamos construir a história, nem poderíamos compreender a nós mesmos, nem saber o que aconteceu no passado. E a revista Memorandum, que se interessa pela memória e pela história, faz um trabalho realmente muito importante.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). Bauru: Edusc. (Original publicado em 1997).
- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino* (A. Angonese, Trad.). Bauru: Edusc. (Original publicado em 1992).
- Ales Bello, A. (2002) Teologia negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein. *Memorandum*, 3, 98-111. Recuperado em 29 jan., 2022, de <http://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6817>
- Ales Bello, A. (2003). Il simbolo nell'esperienza sacrale-religiosa: un'analisi fenomenologica. *Memorandum*, 5, 134-147. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6803>
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Trad.s). Bauru, SP: Edusc. (Original publicado em 2004).
- Ales Bello, A. (2005). Medea fra passato e presente. *Memorandum*, 8, 62-71. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6762>



- Ales Bello, A. (2006a). Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. *Memorandum*, 11, 28-34. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6719>
- Ales Bello, A. (2006b). *Introdução à fenomenologia*. (Ir. J. T. Garcia & M. Mahfoud, Trad.s). Bauru, SP: Edusc, 2006. (Original publicado em 2006).
- Ales Bello, A. (2008). Essere grezzo e hyletica fenomenologica: l'eredità filosofica di "Il visibile e l'invisibile". *Memorandum*, 14, 6278. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6693>
- Ales Bello, A. (2009a). Il sacrificio dal sacro alla desacralizzazione. *Memorandum*, 16, 19-33. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6425>
- Ales Bello, A. (2009b). *Introduzione alla fenomenologia*. Aprilia, Italia: Aracne.
- Ales Bello, A. (2013). Prefácio. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 9-13). Belo Horizonte: Artesã.
- Ales Bello, A. (2014a). Anna Teresa Tymieniecka (28/02/1923 - 06/06/2014): a harmonia da vida. *Memorandum*, 27, 190-195. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6517>
- Ales Bello, A. (2014b). *Edith Stein: a paixão pela verdade*. (J. J. Queiroz, Trad.). Curitiba: Juruá. (Original publicado em 2003).
- Ales Bello, A. (2015a). Fenomenologia, ontologia e metafísica em Edith Stein. *Memorandum*, 29, 194-207. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6477>
- Ales Bello, A. (2015b). *Pessoa e comunidade: comentários - Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein* (M. Mahfoud & Ir. J. T. Garcia, Trad.s). Belo Horizonte: Artesã. (Original publicado em 2015).
- Ales Bello, A. (2016a). *Il senso dell'umano: rapporto tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvecchi.
- Ales Bello, A. (2016b). *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus* (M. L. Fernandes & A. T. Garcia, Trad.s). São Paulo: Paulus. (Original publicado em 2005).
- Ales Bello, A. (2017). Il cammino della vita dalla nascita biologica alla ri-nascita spirituale. *Memorandum*, 32, 156-166. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6452>



Ales Bello, A. (2018a). L'antropologia duale come imago Dei. *Memorandum*, 35, 84-99. Recuperado em 29 jan., 2022, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6874>

Ales Bello, A. (2018b). *O sentido do sagrado: da arcaicidade à dessacralização* (D. J. Daldoce & P. S. L. Gonçalves, Trad.s). São Paulo: Paulus. (Original publicado em 2014).

Ales Bello, A. (2019a). *O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico* (J. J. Queiroz, Trad.). São Paulo: Paulus. (Original publicado em 2013).

Ales Bello, A. (2019b). *O sentido do humano: entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia* (A. A. Sberga & J. A. G. Espíndula, Trad.s). São Paulo: Paulus. (Original publicado em 2016).

Ales Bello, A. (2021). *Assonanze e dissonanze: dal diario di Edith Stein*. Milano: Mimesis.

Fernandes, M. L. (2017). Experiência religiosa e Psicologia: contribuições da fenomenologia segundo Ales Bello. *Pistis Praxis*, 9(1), 153-173. [dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS07](https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS07)

Garcia, A. T. (1987). *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. São Paulo: Loyola.

Garcia, A. T., Fernandes, M. L. & Goto, T. A. (2011). Sabedoria repartida: ciência e arte de uma filósofa educadora. Em E. Baccarini, M. D'Ambra, P. Manganaro, & A. M. Pezzella (Orgs.). *Persona, logos, relazione: una fenomenologia plurale* (pp. 821-830). Roma: Città Nuova.

Husserl, E. (1994). *Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo* (P. M. S. Alves, Trad.). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Original publicado em 1928).

Husserl, E. (2002a). *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica, libro primo: introduzione generale alla fenomenologia pura*. (E. Filippini, Trad., V. Costa, Org.). Einaudi: Torino. (Original publicado em 1913).

Husserl, E. (2002b). *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica, libro secondo: ricerche sopra la costituzione* (E. Filippini, Trad., V. Costa, Org.). Einaudi: Torino. (Original publicado em 1913).

Husserl, E. (2005). *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale* (E. Filippini, Trad.). Milano: Il Saggiatore. (Original publicado postumamente em 1954).



- Husserl, E. (2022a). *Fenomenologia dell'inconscio: i casi limite della coscienza* (A. Ales Bello & G. Baptist, Trad.s). Milano: Mimesis.
- Husserl, E. (2022b). *La preghiera, il divino: scritti-etico religiosi* (A. Ales Bello, Org.). Roma: Studium.
- João Paulo II, P. & Messori, V. (1994). *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia ilimitada; Campinas, SP: Centro de Memória da Unicamp.
- Mahfoud, M. (2014). Morro Vermelho: fé, memória e história. Em C. C. Boschi & L. A. Pinheiro (Orgs.). *A Arquidiocese de Belo Horizonte e a evangelização* (pp. 399-412). Belo Horizonte: PUC Minas.
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2009). Cultural Dynamics in a Brazilian community: representation and re-elaboration of Meaning in Morro Vermelho. Em A. C. S. Bastos & E. P. Rabinovich (Orgs.). *Living in poverty: developmental poetics of cultural realities* (pp. 49-67). Charlotte, Estados Unidos: Information Age Publishing.
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (Orgs.). (2013). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã.
- Massimi, M. (2004). *História da psicologia no Brasil no século XX*. São Paulo: Pedagógica Universitária.
- Massimi, M. (2011). La fenomenologia come metodo per la psicologia: il contributo di Angela Ales Bello in Brasile. Em E. Baccharini, M. D'Ambra, P. Manganaro, & A. M. Pezzella (Orgs.). *Persona, logos, relazione: una fenomenologia plurale* (pp. 805-811). Roma: Città Nuova.
- Massimi, M. (2016). *História dos saberes psicológicos*. São Paulo: Paulus.
- Massimi, M. (2020). *Psychological knowledge and practices in Brazilian colonial culture*. Cham, Suíça: Springer International Publishing.
- Salum, C. C. & Mahfoud, M. (2008). Produção de imagem e cultura barroca numa comunidade rural tradicional brasileira: hilética e noética. *Memorandum*, 15, 105-122. Recuperado em 7 set., 2021, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6687>



Stein, E. (1996). *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. (2a. ed.). (A. P. Monroy, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Originais de 1934-36, publicação póstuma em 1950).

Stein, E. (1999). *Psicologia e scienza dello spirito: contributi per una fondazione filosofica* (2a ed.). (A. M. Pizzela, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1922).

Stein, E. (2000). *La struttura della persona humana*. Roma: Città Nuova. (Originais de 1932-33, publicação póstuma em 1994).

Nota sobre os autores:

Angela Ales Bello é doutora em Filosofia, professora emérita de História da Filosofia na Pontificia Università Lateranense em Roma, Itália. É presidente do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche – filiado a The World Phenomenology Institute (EUA) – e da International Society of Phenomenology of Religion. É coeditora da tradução italiana da Obras Completas de Edith Stein. E-mail: alesbello@tiscali.it.

Marcio Luiz Fernandes é doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. É professor-adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e do Studium Theologicum de Curitiba. E-mail: marciovisconde@yahoo.com.br.

Roberta Vasconcelos Leite é doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora-adjunta da Faculdade de Medicina de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Yuri Elias Gaspar é doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor-adjunto da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

Data de submissão: 11.05.2022

Data de aceite: 19.05.2022